



Alberto Galhardo Simões - Sócio responsável da área de prática de África Lusófona da CMS Portugal

## Biden em Angola: muito mais do que uma visita

No próximo dia 14 de outubro, Joe Biden será o primeiro presidente dos Estados Unidos a visitar Angola. Esta visita reveste-se de uma grande carga simbólica, não apenas por ser a primeira, mas também por tudo o que tem envolvido a relação mais recente entre os dois países. Se esta visita se insere num contexto geopolítico complexo e em rápida mutação, não demonstra apenas a importância que os Estados Unidos atribuem a Angola, mas também o muito que tem sido feito pela administração angolana para colocar o país, cada vez mais, no radar dos investidores. Vários passos foram dados para esta aproximação de parte a parte. O mais simbólico terá sido porventura a visita de João Lourenço, há um ano, a

Washington, no âmbito das comemorações dos 30 anos de relações diplomáticas entre os dois países. Mas muito mais tem sido feito para solidificar os alicerces desta relação. Em setembro de 2023, já Lloyd Austin havia sido o primeiro Secretário da Defesa dos EUA a visitar Angola, e pouco tempo depois a Presidente do Banco de Exportação e Importação (EXIM) dos EUA, Reta Jo Lewis, visita o país na sequência da aprovação de um financiamento de 900 milhões de dólares para o projeto de energia solar da Sun Africa, que a CMS teve o privilégio de assessorar e que foi considerado, em outubro, como o "Negócio do Ano" de 2023. Os corredores económicos estratégicos que beneficiam as populações locais e as

integram na economia global têm sido, também, alvo de grande atenção por parte da administração americana. O Corredor do Lobito é paradigmático. Trata-se de um corredor económico que vai da República Democrática do Congo (RDC) ao Oceano Atlântico, oferecendo o potencial para a criação de infraestruturas críticas que irão integrar melhor a RDC, a Zâmbia e Angola nos mercados regionais e globais, desenvolvendo cadeias de abastecimento de energia verde e estimulando o investimento na agricultura, telecomunicações entre outros sectores.

Esta atenção e apoio que tem sido prestado pelos Estados Unidos não acontece por acaso. Angola tem feito muito para poder estar à altura dos

desafios que o mundo de hoje nos apresenta. Apesar do petróleo e gás ser, ainda, o setor com maior peso na economia angolana, tem havido uma grande aposta em diversificar a economia, suprir o défice infraestrutural e fortalecer o setor privado, neste último caso ao nível regulatório, institucional e empresarial. Os inúmeros diplomas aprovados, bem como os programas de privatizações (PROPRIV) e de PPPs, são apenas dois exemplos do esforço que tem sido feito e das oportunidades existentes. O PROPRIV foi lançado em 2019 com o objetivo de concretizar a privatização de 178 ativos detidos direta ou indiretamente pelo Estado Angolano. Os ativos são de vários tipos e dimensões e abrangem um grande número de sectores. Incluem desde participações em unidades industriais estabelecidas em zonas económicas especiais até participações em empresas de aviação, cervejeiras, bancos, seguradoras, telecomunicações, construção e têxtil. Incluem também as "jóias da coroa" de Angola - a Sonangol (petróleo e gás) e a Endiama (diamantes). Por forma a garantir a eficiência, clareza e transparência dos vários processos, a lei-quadro das privatizações estabeleceu a base jurídica do programa de privatizações e prevê que as privatizações sejam realizadas, através de concurso público (com ou sem pré-qualificação) ou através da venda de ações na bolsa de valores local (leilão ou oferta pública inicial). No entanto, a pandemia e o contexto macroeconómico difícil que dela resultou, que se prolongou até finais de 2022, colocaram dificuldades ao programa, o que levou a que a execução não tenha sido tão rápida como as autoridades tinham previsto. Ainda assim, foram concluídas até à data 109 privatizações, o que levou o Governo Angolano a decidir prolongar o PROPRIV até 2026, com um calendário renovado e novos ativos. Ainda em 2024, as participações do Estado na ENSA, Bodiva e Standard Bank estão previstas ser privatizadas por Oferta Pública Inicial (OPI) na bolsa de valores. E em 2025, antecipa-se um total de 19 ativos a privatizar.

O que fica demonstrado? Que muito está a acontecer em Angola e que esta visita é muito mais do que uma visita. É o reconhecimento, por parte dos Estados Unidos, da importância de Angola no contexto geopolítico e do que tem sido feito para o merecer.